
AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

EVALUATION OF THE PERCEPTION OF STUDENTS AND TEACHERS ON THE IMPORTANCE OF SEXUAL EDUCATION TEACHING

Kaique Vinicius Ferreira Trindade¹, Nyanne Kelen Batista Tomé¹, Susy Ricardo Lemes Pontes²

¹ Acadêmicos de Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura). Centro Universitário Goyazes. Trindade, GO.

² Docente no Centro Universitário Goyazes. Trindade, GO.

*Correspondente: susy.pontes@unigy.edu.br

Resumo

Introdução: Os adolescentes têm despertado sua curiosidade quanto à sexualidade cada vez mais cedo, estando expostos a consequências como ISTs, gravidez precoce, e outros. **Objetivos:** Analisar as percepções dos alunos e professores de um colégio estadual da cidade de Inhumas - GO sobre educação sexual. **Métodos:** foram aplicados questionários de forma online através da plataforma GOOGLE FORMS, apresentando perguntas objetivas relacionadas a intimidade em que o aluno tem de falar com seus pais e professores sobre sexo e sexualidade. **Resultados:** Do total de 135 alunos participantes, 62% declararam não sentir liberdade para expressar dúvidas sobre educação sexual com seus pais e professores. Quanto aos 14 professores participantes deste estudo, 92,9 % declararam não possuir experiência curricular sobre educação sexual. **Conclusão:** De modo geral, tanto alunos quanto professores do colégio compreendem a importância e necessária que a educação sexual no ambiente escolar.

Palavras-chave: Adolescência. Educação sexual. Escola. Sexualidade.

Abstract

Introduction: Discussing sexuality, both at school and in any other medium, has always been taboo. Adolescents have aroused their curiosity about sexuality at an earlier age, being exposed to consequences such as STIs, early pregnancy. **Objectives:** to analyze the perceptions of sex education students and teachers at a state school in the city of Inhumas

Recebido: Jan 2021 | Aceito: Jun 2021 | Publicado: Jul 2021



- GO. Methods: questionnaires were applied online through the GOOGLE FORMS platform, presenting objective questions related to the intimacy in which the student has to talk with his parents and teachers about sex and sexuality. Results: Of the total of 135 participating students, 62% declared that they did not feel free to express doubts about sex education with their parents and teachers relations. Conclusion: In general, both students and teachers of the college understand the importance and necessary that sex education in the school environment.

Keywords: Adolescence. Sex education. Sexuality.

Introdução

A educação sexual e sexualidade é um direito que possibilita que o jovem tenha acesso ao conhecimento de seu próprio corpo e sexualidade, é ter autonomia e sabedoria para discernir o que acha certo ou errado dentro dos valores e moral da sociedade. O ensino da educação sexual traz a oportunidade de desmistificar tabus, quebrar preconceitos e discriminações, deixando aberto ao jovem a construção da sua própria sexualidade e valores, o permitindo fazer escolhas, sobre a prevenção de gravidez, abusos sexuais e infecções sexualmente transmissíveis, sendo os mesmos os próprios autores de sua vida sexual¹.

A educação sexual está presente nas escolas desde 1928, como forma controladora e inibidora da sexualidade, sendo estabelecida pelos valores morais e éticos e manipulada pela igreja até o ano de 1950^{2,3}. Ainda nessa década, diálogos a respeito da educação sexual eram em geral repressivos e estagnados nos dogmas da moral religiosa, mantidos o propósito higiênico das estratégias de saúde pública para o combate de doenças venéreas^{4,5}.

Desde a evolução dos debates políticos a respeito da educação sexual, e com forte participação dos movimentos feministas na época, a sexualidade passou a ser discutida para algo além de um fator biológico, mas sim uma aliada da saúde física, mental e emocional^{5,6}.

Nos anos de 1960 a 1970 a educação sexual reacendeu com enfoque na problemática social pelos direitos das mulheres. E entrou em vigor logo após o surto da infecção pelo vírus HIV entre a população jovem da década de 1980. Dessa forma, a educação sexual foi direcionada para métodos preventivos contra as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)^{3,7}.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é estabelecido que toda criança e adolescente tem o direito de informação relacionada a saúde sexual e reprodutiva, como forma de prevenção a ISTs, gravidez prematura e abuso sexual, sendo que esses temas já haviam sido previamente abordados em vários programas, documentos e políticas públicas⁸.

No ano de 1996, foi aprovada a terceira e a última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que deu origem aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) onde foi decretado a necessidade de trabalhar educação sexual nas cartilhas e planos de ensino. Dois anos mais tarde, em 1998, foi criado pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) e pela Secretaria de Educação Fundamental, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Este documento estabeleceu que a criança deve ser instruída com conteúdo de como explorar e entender as funcionalidades seu corpo, como forma de autoconhecimento⁹.

É necessário entender que a educação sexual é uma ferramenta de construção pessoal, social e moral capaz de instruir crianças e adolescentes nas mudanças de comportamento e ações em suas vidas sexuais, onde é primordial e relevante observar de que forma essa temática é abordada nas escolas⁴.

Os adolescentes têm despertado sua curiosidade quanto à sexualidade cada vez mais cedo, com isso o número de relações sexuais nessa faixa etária tem crescido o que evidencia a importância de se abordar a temática da sexualidade nas escolas¹⁰. Para tanto, a educação sexual deve estar relacionada com a construção social e pessoal do aluno e a escola tem um papel importante nessa trajetória, com o objetivo de formar um cidadão ético capaz de fazer suas próprias escolhas com segurança e sabedoria, quanto a relacionamentos, sexo saudável e a reprodução¹¹.

No âmbito escolar, a melhor abordagem para se trabalhar o ensino da educação sexual é por meio do diálogo aberto, sem julgar o aluno de forma que ele se sinta confiante e acolhido, sendo essa a melhor opção de se ter uma relação de respeito e confiança¹².

Cabe ressaltar que a sexualidade abrange no indivíduo, as dimensões psicossociais, as emoções, os sentimentos, além das formas de falar, agir, andar e vestir. Também, abrange a sedução, a conquista e o prazer¹³. Portanto, a sexualidade é um fragmento da identidade de todo indivíduo que se constrói durante o processo de

socialização e nesse sentido, a escola junto as famílias, mídias e igrejas compõe um dos fatores, que contribui para a construção sexual do ser humano, uma vez que representam espaço propício para a interação social, tem um papel primordial para discussões sobre sexualidade e formação ética dos estudantes¹⁴.

Destarte, a educação sexual, que ainda é tabu na sociedade, precisa ser inserida no cotidiano da construção do indivíduo como ser social e biológico, a começar dentro de casa, no convívio com a família e se estender durante sua vida escolar. A sexualidade precisa ser debatida para que dúvidas sejam sanadas no sentido de preparar pais, escola e educadores para esse processo. É indiscutível que quando a escola e os professores contam com a contribuição das famílias no processo de construção e formação da criança e do adolescente, seu papel vai além de transmitir conhecimentos, mas possibilita novas práticas, autonomia, respeito, gerando assim contribuições sociais e humanas na vida do indivíduo^{15,16}.

Reconhecendo-se ainda a educação sexual como ferramenta de transformação social capaz de somar com mudanças de comportamento e de normas em relação à sexualidade, é de suma importância que a análise acerca da forma sobre a qual essa temática vem sendo trabalhada nas escolas⁴. Diante do exposto, esse estudo tem por objetivo avaliar a percepção de alunos e professores sobre a importância do ensino da educação sexual em colégios.

Métodos

Delineamento do estudo

O presente estudo consiste em uma pesquisa transversal que foi desenvolvida através de abordagem quantitativa. Este estudo respeitou as bases e descrições éticas da Resolução CNS nº 466/2012 e a coleta de dados ocorreram após a devida aprovação da pesquisa no comitê de ética da Faculdade União de Goyazes, sob parecer de número 4.350.894.

População de estudo

A pesquisa foi realizada em um colégio da rede estadual de ensino, localizado no município de Inhumas - GO. Os participantes foram os alunos do ensino médio, 1º, 2º e 3º ano e professores. Devido a pandemia da COVID-19 e a incerteza quanto ao retorno das aulas presenciais, os alunos e o professor foram abordados por e-mail ou aplicativo *WhatsApp* convidados a participar da pesquisa através da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a realização deste projeto, inicialmente foi obtida autorização da direção do colégio. O preenchimento dos questionários por parte dos alunos foi realizado com o consentimento dos pais e voluntariedade dos mesmos.

Coleta de dados

Inicialmente os alunos e professores foram informados, online, sobre o objetivo e riscos da pesquisa mediante o TCLE disponibilizado online, consentindo ou não sua participação. Considerando que a Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos, completos para menores de idade, os pais ou responsáveis assinaram o TCLE autorizando a participação do aluno para tal faixa etária nesta pesquisa.

Os dados foram obtidos por meio de questionários online através da plataforma *GOOGLE FORMS*, os quais foram desenvolvidos pelos autores da pesquisa. Os preenchimentos dos questionários ocorreram sem a interferência dos pesquisadores salvo para orientações solicitadas pelos participantes quando apresentaram dificuldade. Os questionários contavam com questões relacionadas à vivência dos participantes visando à busca de informações, com a proposta de reflexão sobre a temática, abordando diversas premissas sobre a educação sexual com os alunos e professores.

Crerios de inclusão e exclusão

Foram incluídos alunos do ensino médio, baseando-se na fase em que estes vivenciam de novas descobertas, busca constante por informações e vulnerabilidade. Todos os professores foram incluídos na pesquisa, pois devem atuar juntamente com os pais para que o ensino da educação sexual cumpra seu papel, acrescentar na vida dos

adolescentes conhecimento, habilidades e valores éticos para fazer escolhas saudáveis e respeitáveis sobre os relacionamentos, o sexo e a reprodução, abordando a sexualidade em seus aspectos biológicos, culturais e social. Foram excluídos do estudo os participantes que não assinaram o TCLE, os alunos do ensino médio que não tiveram o consentimento dos pais para participação e aqueles que apresentaram dificuldades de acesso à internet e uso de tecnologias.

Análises de dados

Os dados quantitativos obtidos foram analisados na plataforma *Google Forms* e demonstrados através de gráficos e tabelas, organizados no software Excel 2016, onde foram dispostos valores da frequência absoluta e percentual.

Resultados e Discussão

Um total de 149 indivíduos do colégio participaram do estudo, sendo 135 alunos e 14 professores, de todas as áreas de ensino, sendo 1 professor de biologia. Através da aplicação de questionários foi observado que os alunos entrevistados possuem idade de 15 a 21 anos, sendo a idade predominante de 16 anos (36,2% dos alunos), sendo a maioria dos alunos representados do sexo feminino 62,9% (n= 85). Os professores por sua vez, apresentaram idades entre 35 e 52 anos. Acerca da série dos alunos participantes foi constatado que 54% (n=73) eram do 3º ano, 28,8% (n=39) pertencente ao 1º ano e 17,0% (n=23) do 2º ano (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 - Indicadores sociais dos alunos participantes do estudo.

Idade	N	%
15 anos	21	15,5%
16 anos	49	36,2%
17 anos	35	29,9%
18 anos	20	14,8%

19 anos	6	4,4%
20 anos	3	2,2%
21 anos	1	0,7%

Sexo	N	%
Masculino	50	37,1%
Feminino	85	62,9%

Série	N	%
1º ano	39	28,8%
2º ano	23	17,0%
3º ano	73	54,0%

Tabela 2 - Indicadores sociais dos professores participantes do estudo.

Idade	N	%
30 á 35 anos	2	14,3
35 á 40 anos	6	42,9
40 á 45 anos	3	21,4
45 á 50 anos	2	14,3
50 á 55 anos	1	7,1

Sexo	N	%
Masculino	4	28,6
Feminino	10	71,4

Na tabela 3 é apresentada as respostas dos alunos sobre a importância da educação sexual nas escolas, liberdade e confiança para tratar esse assunto com os pais e professores e seus conhecimentos sobre educação sexual em geral e ISTs.

Tabela 3 – Frequência e percentual das respostas dos alunos quanto ao questionário aplicado pelos pesquisadores.

Perguntas para alunos	Sim	Não
Espero pelo melhor estado de humor dos meus professores para falar sobre assuntos relacionados com o tema da sexualidade	87,5%	12,5%
Espero que os meus professores estejam mais livres e disponíveis para falar sobre assuntos relacionados com o tema da sexualidade.	93,4%	6,6%
Comparo-me com os outros jovens da minha idade, quando quero explicar aos meus professores alguns dos meus comportamentos na relação amorosa.	46,3 %	53,7
Quando quero falar sobre sexualidade, posso contar com um professor.	53,7%	46,3%
Sou capaz de pedir ajuda aos meus professores ou pais perante um problema relacionado com minha vida sexual ou sexualidade	59,6%	40,4%
Compartilho minhas experiências sexuais com os meus pais	79,4%	20,6%
Em caso de sofrer um abuso sexual sinto-me confortável para contar para meus pais ou professor	69,9%	30,1%
Concordo que a escola é um lugar propício para trabalhar sobre educação sexual	87,5%	12,5%

Observa-se que quando desejam falar sobre sexualidade, 46,3% não se sentem confortáveis em falar sobre esse tema com o professor. Contudo, nota-se que 87,5% dos alunos concordam que na escola é propício falar sobre educação sexual.

Tais achados corroboram com o estudo de Carvalho et al. (2014), onde em entrevista com 600 alunos do ensino médio de escolas da zona centro de Portugal,

observaram que os adolescentes não se sentiam confortáveis para falar sobre educação sexual e sexualidade abertamente com os professores, constatando-se que os professores não abriam espaço para discutir esse tema em sala de aula. Segundo os autores, os adolescentes usam algumas vezes ou mesmo quase nunca algumas estratégias e competências de comunicação com seus professores, recorrendo pouco aos docentes para partilhar receios e inseguranças, bem como para procurar apoio emocional quando passam por algum problema ou desilusão amorosa.

Em estudo de Fonseca, Gomes e Teixeira (2010) realizado com 15 adolescentes na sala do Serviço de Orientação Educacional de uma escola do interior do Rio Grande do Sul, todos os adolescentes entrevistados concordavam que a escola era o local ideal para realização de projetos de orientação sexual, pois além de proporcionar um ambiente acolhedor, os alunos se sentiam à vontade por estarem entre colegas de convívio cotidiano.

De acordo com Figueiró (2009), a educação sexual diz respeito ao direito de toda pessoa de adquirir informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e assim obter a oportunidade para expressar seus sentimentos, rever seus tabus, e assim estar preparado para refletir e debater sendo capaz de construir sua própria opinião e valores sobre tudo que é ligado ao sexo.

Portanto, a temática deve ser trabalhada nas escolas sem limitar estratégias de ensino, sendo aplicada em todas as dimensões a fim de possibilitar o indivíduo a vivê-la de forma consciente e segura.

Quando questionados sobre o compartilhar de experiências sexuais com os pais, 79,4% dos alunos declararam não compartilhar tais experiências. Segundo Sousa et al. (2006), o diálogo entre pais e adolescentes é muito restrito, sem abertura a discussão de questões pessoais e íntimas. Para os autores, a dificuldade em procurar os pais para esclarecer dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade está vinculada ao sentimento de medo ao ser inibido, estando assim, o adolescente diante de julgamentos e preconceitos, deixando de buscar informações para sanar suas dúvidas. Além disso, alguns pais diante da crença de que a conversa sobre sexo pode induzir o filho a praticá-lo, procuram também não falar sobre o assunto.

Na Figura 1 observa-se que 62% dos alunos que responderam ao questionário não expõem suas dúvidas sobre a sexualidade com professores e pais, inferindo que existe um

distanciamento íntimo e social entre eles no que se refere ao diálogo sobre sexo e sexualidade, pois não há compartilhamento de suas experiências sexuais.

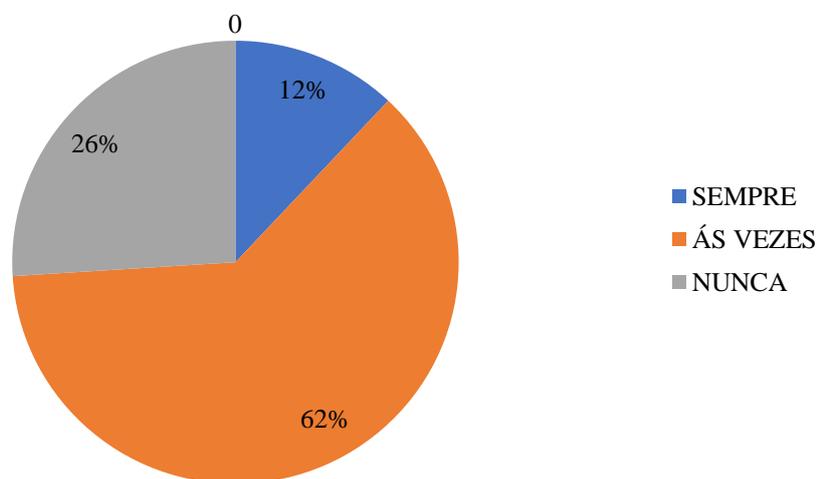


Figura 1 – Frequência com que os alunos tiram suas dúvidas sobre sexualidade com professores ou pais.

Resultados semelhantes foram constatados no estudo de Savegnago e Arpini¹⁷, que em entrevista sobre sexualidade com meninas foi observado que as crianças e adolescentes não estabelecem conversa sobre o tema com seus pais e professores com frequência e em alguns casos esse diálogo é inexistente. Segundo as autoras, a conversa sobre sexo e sexualidade sempre é deixada de lado ou para outra hora, nunca dialogada como deveria.

Nessa mesma visão Trindade e Brunstiram¹⁸ discorrem que, o “não dialogar”, desse modo, facilita a exposição de adolescentes a situações de riscos relacionados ao exercício da sexualidade, como gravidez indesejada, contágio de infecções sexualmente transmissíveis e traumas psicológicos e emocionais resultantes da vivência de uma sexualidade frustrante.

Na Figura 2 é observada a representação do percentual de conhecimento dos alunos sobre ISTs. De modo geral, os resultados foram heterogêneos, onde 42% dos

alunos afirmaram conhecer parcialmente sobre tais infecções e 25% muito. Ainda, 16,2% declararam não conhecer sobre as ISTs.

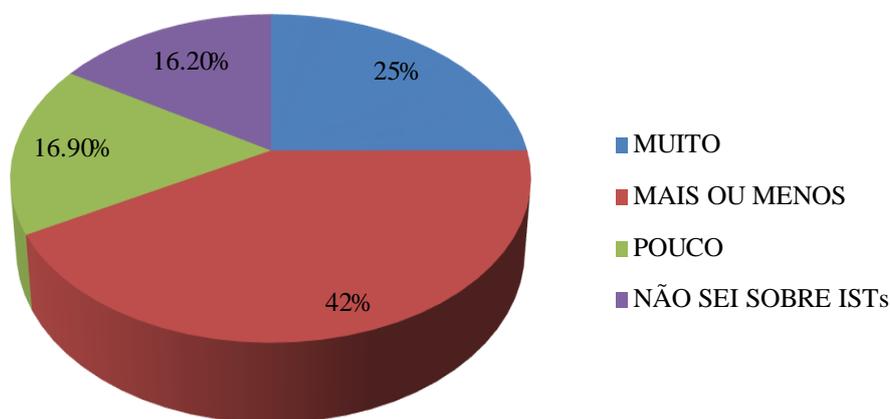


Figura 2 – Frequência observada quanto o nível de conhecimento dos alunos entrevistados sobre ISTs.

Tais resultados apontam a existência de alunos com baixo nível e carência de conhecimentos a respeito das ISTs mostrando o quanto esses jovens podem estar expostos a essas infecções devido à falta de informação, o que evidencia a importância do estudo da educação sexual no ambiente escolar em prol da saúde e bem-estar dos alunos.

Em estudo realizado no estado do Rio Grande do Norte no ano de 2010 com 37 alunos de uma escola da rede pública, após a apresentação de slides sobre ISTs/AIDS, as principais observações com base nas reações dos alunos após algumas imagens terem sido apresentadas foram de medo e aversão. Segundo o estudo, tais reações, por sua vez, estavam ligadas ao fato dos associarem as doenças com a falta de cuidados higiênicos¹⁹.

As ISTs sempre foram um risco para população, em especial para os jovens. Neste estudo, conforme observado, existe total desinformação entre alguns alunos (16,2%) entrevistados, sendo tal dado preocupante. Isso destaca a necessidade de uma melhor

abordagem desse assunto nas escolas, com o propósito de levar aos jovens informações seguras, visto que as ISTs afetam a saúde individual e coletiva desses jovens.

Segundo boletim epidemiológico sobre AIDS e ISTs, divulgado em novembro de 2019 pelo Ministério da Saúde, de 2008 a 2018 a taxa de detecção de AIDS entre jovens entre 13 e 19 anos a cada 100.000 habitantes apresentou um aumento significativo, passando de 3,7 em 2008 para 6,0 em 2018, sendo maior no sexo masculino²⁰.

Na Figura 3 é observado que 55,9% dos alunos participantes deste estudo apontaram não usar preservativos em todas as suas relações sexuais.

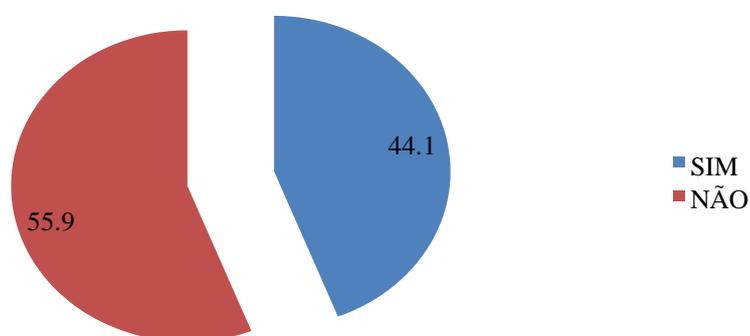


Figura 3 – Frequência com que os alunos entrevistados usam preservativo em suas relações sexuais.

Tais resultados geram um fato preocupante, já que estes jovens podem estar mais expostos a ISTs e a gravidez na adolescência. Segundo Paiva et al.²¹, o uso do preservativo vem sendo bastante negligenciado, já que muito jovens não se preocupam com tal uso, principalmente em garotas onde a camisinha é facilmente substituída por anticoncepcionais, sendo a gravidez a única preocupação, ignorando demais riscos do ato sexual desprotegido. Além disso, o uso do preservativo é determinado não apenas por fatores de ordem individual, mas também sociocultural.

Em estudo realizado em 26 escolas públicas de Minas Gerais, com participação de 1.820 estudantes entre 14 e 20 anos que já haviam iniciado a vida sexual, foi constatado que mais de 30% dos alunos não utilizavam preservativos¹⁵. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2015 33,8% dos

adolescentes entre 13 e 17 anos com vida sexual ativa não haviam utilizado preservativo em sua última relação. A falta de preocupação, de informação e o descuido dos adolescentes foram considerados os principais fatores para o não uso de preservativos, estando tal uso incumbido especialmente ao sexo masculino, uma vez que o feminino tende a recorrer frequentemente ao uso de anticoncepcionais²².

Na Tabela 4 são apresentadas as frequências das respostas dos professores participantes do estudo. Como observado, 78,6% dos participantes afirmaram que o professor tem responsabilidade na educação sexual dos alunos, além disso, 92,9% consideram, respectivamente, que os pais têm o papel de ensinar os filhos sobre educação sexual e que a escola é um local propício para se trabalhar educação sexual, sendo que tal temática deve ser obrigatória nas escolas (85,75).

Tabela 4 – Respostas do questionário aplicadas aos professores.

Perguntas para professores	Sim	Não
Concordo que a sexualidade vai se aprendendo ao longo do tempo e não na escola	71,4%	28,6%
Somente o professor de Biologia tem responsabilidade na educação sexual	0%	100%
A educação sexual deve ser uma das áreas obrigatórias em todas as escolas	85,7%	14,3%
Acredito que devem ser abordados na escola todos os assuntos relacionados a sexualidade	64,3%	35,7%
É papel dos pais ensinarem sobre educação sexual e não somente da escola	92,9%	7,1%
Hoje em dia com toda informação que passa nas revistas e na televisão, a educação sexual na escola se torna pouco necessária	7,1%	92,9%
Todos os professores têm responsabilidades na educação sexual dos alunos	78,6%	21,4%
Tenho experiência curricular em educação sexual	92,9%	7,1%
Acredita é necessário se falar sobre aborto e masturbação em sala de aula	78,6%	21,4%

Sinto-me mais seguro (a) em falar sobre anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor	64,3%	35,7%
Já participou de capacitação na escola ou fora da escola sobre educação sexual	21,4%	78,6%
Quando algum aluno me procura para dúvidas ou opiniões estou sempre disposto a ouvi-lo e ajudá-lo de alguma forma	100%	0%
Concordo que a escola é um lugar propício para trabalhar educação sexual	92,9%	7,1%

De acordo com Figueiró¹, a família é o espelho do aluno, é essencial seu papel em educar sexualmente seus filhos, afinal os pais carregam em sua trajetória de vivência valores morais e compreensão sobre a sexualidade que são assim transmitidos, mesmo às vezes não sabendo como abordar o assunto a maioria prefere omitir, confiando que os professores cumpram seu papel, afinal acreditam que é função da escola, educar sexualmente, sendo ela responsável pela formação integral do aluno, seja ela intelectual, social ou afetiva.

Neste estudo, quanto à visão dos professores, trabalhar educação sexual em sala de aula é um desafio visto que a maioria (78,6%) deles se sente despreparada e insegura para trabalhar tal tema com os alunos. Nas respostas observadas, apenas o professor de Biologia afirmou se sentir apto e confortável para trabalhar este tema com seus alunos.

A figura abaixo demonstra que 78% dos professores afirmam se sentir inseguros em trabalhar educação sexual com os alunos.

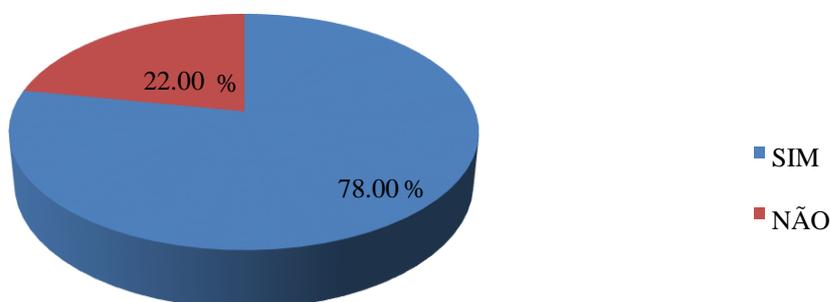


Figura 4 – Frequência das respostas dos professores quanto à insegurança em trabalhar todos os assuntos relacionados a temática em sala de aula.

Na Figura 5 é observada a frequência com que é trabalhada a educação sexual em sala pelos professores. Observa-se maioria deles, 57,1% nunca trabalhou o tema em sala de aula.

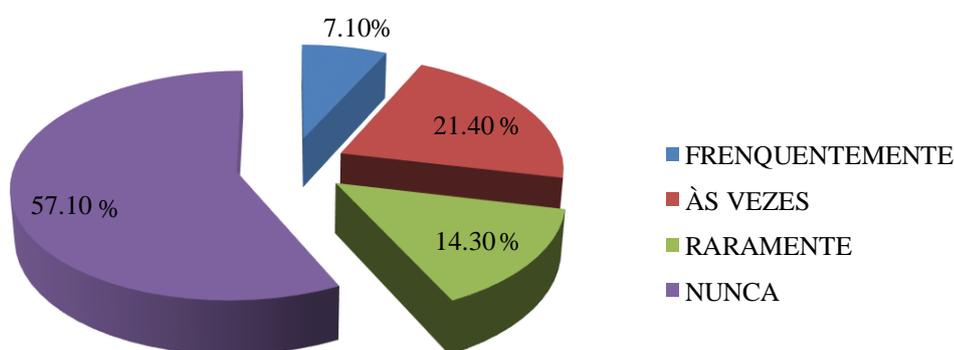


Figura 5 – Frequência com que os professores desenvolvem palestras, debates ou eventos em relação a educação sexual.

Tais achados corroboram com o estudo realizado em uma escola pública do estado do Ceará, com 17 professores efetivos e 21 temporários, onde a maioria dos professores concordavam com a importância em trabalhar temas sobre a educação sexual nas escolas, porém os mesmos não desenvolviam por se sentirem despreparados e não estarem capacitados para aplicar o contexto da educação sexual²³.

Neste estudo, conforme descrito na Tabela 2, 92,9% dos professores afirmou não ter experiência curricular sobre a educação sexual. Contudo, observa-se, que mesmo diante do reconhecimento dos professores sobre a necessidade em se trabalhar a educação sexual com os alunos, tais professores apresentam insegurança para colocar em prática o trabalho dessa temática, visto que a maioria deles nunca trabalhou o tema com seus alunos. Além disso, é possível inferir que os professores entrevistados podem estar restringindo o ensino da educação sexual, pois apesar de todos afirmarem estar sempre dispostos a ouvir e ajudar o aluno de alguma forma quando os procuram, foi observado

que metade dos alunos entrevistados não contam com o professor para falar sobre sexualidade.

Em pesquisa realizada em escolas públicas do ensino fundamental no município de Londrina (PR), professores entrevistados declararam sentir medos e dificuldades sobre a abordagem da educação sexual, além da dificuldade em desenvolver conteúdos sobre a sexualidade, diante da falta de estratégia pedagógica, dificuldades recorrentes por interferência de religião ou crenças quanto a temática e a não realização de atividades relativas a educação sexual por receio da negação dos pais dos alunos, devido aos tabus e preconceitos quanto a abordagem dessa temática²⁴, sendo este último também observado em um estudo em escolas do estado de São Paulo²⁵.

A partir dessa perspectiva, a sexualidade não pode permanecer como assunto restrito das ciências biológicas, valorizando os aspectos físicos e os hábitos saudáveis, em um discurso essencialista. Não se pode tratá-la ao nível do senso comum, expondo concepções superficiais e pessoais como verdadeiras, acabadas, adotando seus valores como universais, enfim, abordando a sexualidade de maneira simplista, primária e, sobretudo, empírica²⁶.

Em contra partida ao presente estudo, um projeto realizado no Ceará no ano de 2009 onde se avaliou a percepção dos professores sobre educação sexual no ambiente escolar, revelou que os professores tinham reconhecimento de suas limitações conceituais, demonstrando sensibilidade para problematizar a discussão, admitindo ainda a necessidade de se especializar e se capacitar para trabalhar o tema com os alunos, a fim de ajudar e sanar as curiosidades corriqueiras do dia a dia²³.

Cabe salientar que os professores e as famílias possuem admiráveis papéis na formação dos jovens cidadãos, em que a escola é um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde e para a vida entre crianças e adolescentes, pois, por meio da discussão da temática sexualidade e de seus desdobramentos, podem-se motivar reflexões individuais e coletivas que possam contribuir para a minimização de ações discriminatórias e preconceituosas²⁶.

Como observado neste estudo, projetos, debates, mesas redondas ou outro qualquer meio de propagação de conhecimento a respeito do tema é pouquíssimo abordado. Segundo Egypto²⁷, muitos profissionais educadores junto a escola, pensam que para tratar sobre educação sexual é necessário a presença de um psicólogo, médico ou

especialista, por vezes, bastando fazer palestras ou mesmo realizar a semana das ISTs, mesas redondas sobre sexo e sexualidade, tratando, de modo geral, assuntos a respeito da educação sexual entre outros. De fato, são eventos que leva informação, mas quando se trata de educação sexual é necessário que seja algo mais amplo e elaborado, ou seja que tenha um planejamento, apoio da família e que aconteça de forma contínua e natural.

Conclusão

De acordo com o objetivo proposto e os resultados detectados neste estudo, concluiu-se que, de modo geral, tanto alunos quanto professores do colégio estudado, compreendem a importância de se trabalhar a educação sexual em âmbito escolar, tanto na transmissão de informação e conhecimento quanto na construção mental, sexual e moral do indivíduo. No que permeia a relação entre pais e filhos, evidenciou que a maioria dos alunos responderam não se sentirem a vontade ou terem vergonha de compartilhar suas experiências sexuais e dúvidas com os professores. Além disso, um dado preocupante foi o não uso de preservativos entre mais da metade dos adolescentes que responderam ao questionário, bem como o fato de que mesmo os alunos apresentando em sua grade curricular as ISTs como conteúdo obrigatório, a maioria não sabe acerca desse tema.

Infere-se que a falta de diálogos e debate com os pais e professores têm prejudicado os alunos pela carência de informações a respeito das ISTs, sendo imprescindível ampliar as discussões e trabalho da educação sexual nas escolas e nas famílias, em diferentes faixas etárias e níveis de ensino. Para tanto, todos os professores, não apenas os de biologia devem procurar informações e preparo para levar a educação sexual para dentro das salas de aula, já que essa tarefa acaba sendo incumbida para os discentes, uma vez que a educação sexual é pouco tratada ou até mesmo ignorada pelos pais, para preservar e manter a saúde do aluno e prepará-lo para uma vida sexual responsável e consciente.

Referências

1. Figueiró MND. (Org.). Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL; 2007.
2. Borges ZN, Meyer DE. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. *Aval Pol Públ Educ.* 2008; 16(58):59-76.
3. Quartiero E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano na escola. *Sex Salud Soc. (Rio J).* 2012;11:59-87.
4. Figueiró MND. Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: Eduel; 2010.
5. Sfair SC, Bittar M, Lopes RE. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. *Saúde Soc.* 2015; 24(2): 620-632.
6. Taquette SR. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. *Adolesc. Saúde (Online).* 2013;10(1):72-77.
7. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: MEC/SEF; 1997,164 p.
8. Brasil. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1.*
9. Brasil. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf> Acesso em 12 out. 2020.
10. Borges ALV, Fujimori E, Kuschnirl MCC, Chofakian CBN, Moraes AJP, Azevedo GD, Santos KF, Vasconcelos MTL. Início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. *Rev Saúde Públ.* 2016; 50(15):1-11.
11. Zompero AF, Leite CM, Giangarelli DC, Bergamo MCB. A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil. *Rev Ciênc Ideias.* 2018;9(1):101-114.
12. Sarmiento SS, Rocha MOSC, Costa DRRS, Santos MBF, Barbosa KMG. et al. Estratégias metodológicas nas abordagens sobre IST no ensino fundamental. *REVASF.* 2018; 8(7) 83-99.
13. Figueiró MND. Educação sexual: como ensinar no espaço escolar. In: Figueiró MND. Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 2009; p.141-171.
14. Moizés JS, Bueno SMV. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do Ensino Fundamental. *Rev Esc Enferm USP.* 2010;1(44):205-212.
15. Valim EMA, Dias FA, Simon CP, Almeida DV, Rodrigues MLP. Utilização de preservativo masculino entre adolescentes de escolas públicas na cidade de Uberaba (MG), Brasil: conhecimentos e atitudes. *Cad Saúde Coletiva.* 2015;23(1):44-49, 2015.

16. Alves AN. Práticas discursivas sobre a sexualidade na escola: identidade em desconstrução. *Rev Linguagem & Ensino*. 2018;21:349-366.
17. Savegnago SDO, Arpini DM. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cad Pesq*. 2013; 43(150):924-94.
18. Trindade E, Bruns MAT. Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico. Ribeirão Preto: Holos; 1999.
19. Costa ESA. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade [Dissertação]. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2010.
20. Brasil. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico: AID/Aids. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019> Acesso em 1 dez. 2020.
21. Paiva V, Calazans G, Venturi G, Dias R. Age and condom use at first sexual intercourse of Brazilian adolescents. *Rev Saúde Públ*. 2008;42(1):45-53.
22. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE; 2016.132 p.
23. Quirino GS, Rocha JBTR. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em revista*. 2012;43:12-28.
24. Biancon M L. A educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores [Dissertação]. Londrina (SP): Universidade Estadual de Londrina; 2005.
25. Gava T, Villela WV. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. *Sex Salud Soc*. (Rio J). 2016; 24:157-171.
26. Jardim DP, Brêtas JRS. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. *Rev Bras Enf*. 2006;56(2):157- 162.